

Entrevista



O professor doutor Oswaldo Giacoia Junior é um dos mais renomados filósofos brasileiros da atualidade. Ele é titular do Departamento de Filosofia da Unicamp desde 2013. Graduado em Filosofia pela PUC - São Paulo e em Direito pela Faculdade de Direito da USP, também é mestre em Filosofia pela PUC - São Paulo e doutor em Filosofia pela Freie Universität Berlin, onde também realizou o seu pós-doutorado. Sua pesquisa concentra-se na área de Filosofia Moderna e Contemporânea, com ênfase em História da Filosofia, Ética e Filosofia do Direito. Giacoia é autor de dezenas de livros, entre eles:

Nietzsche & Para Além de Bem e Mal;

Sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade.

Nietzsche como Psicólogo;

Nietzsche - Para a Genealogia da Moral; e

Os Labirintos da Alma - Nietzsche e a Autossupressão da Moral.

Em setembro de 2017, o professor Giacoia esteve em Goiânia para participar como conferencista do II Colóquio Internacional Nietzsche no Cerrado, organizado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Muito gentilmente, ele concordou em conceder esta entrevista à revista *Inquietude*, organizada pelos editores Caius Brandão e Eduarda Santos Silva.

O Status da Filosofia no Brasil

A história da filosofia no Brasil teve início no período colonial, mais precisamente na segunda metade do século XVI, quando os padres jesuítas fundaram os primeiros colégios educadores em solo brasileiro. No final daquele século, a Companhia de Jesus adotou o *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* (Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus) para assegurar que os professores se mantivessem fiéis aos pensamentos de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino. Entretanto, no século XIX, surgiu no Brasil um movimento ensaístico, quando artistas e pensadores de diversas áreas do conhecimento dedicavam-se à prática de uma reflexão filosófica independente da tradição europeia. Somente em 1908, portanto, quase quatro séculos após a invasão europeia das Américas, foi criada a primeira faculdade de filosofia brasileira – a Faculdade de São Bento, na cidade de São Paulo. Na década de 1940, o processo de profissionalização da filosofia começou a tomar corpo no Brasil, quando os filósofos franceses Martial Guérout e Victor Goldschmidt ajudaram a implantar o método estruturalista no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Contudo, na avaliação de Roberto Gomes, em sua obra *A Crítica da Razão Tupiniquim* (1977), o fazer filosófico limitado a comentários e interpretações dos clássicos do pensamento europeu, privilegiado pelo estruturalismo francês uspiiano, teria sido responsável por níveis supostamente insatisfatórios da produtividade filosófica no país.

De acordo com dados gentilmente oferecidos pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), hodiernamente, existem 43 programas de pós-graduação em filosofia reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em todo território nacional. Por meio desses programas, são oferecidos 42 cursos de mestrado e 21 de doutorado filiados à ANPOF. Vê-se, portanto, que ao longo das últimas décadas, houve um crescimento rápido e sucessivo na criação de programas de pós-graduação em filosofia em nosso país. Um fato que merece destaque é que esse crescimento tem sido acompanhado por uma melhor distribuição geográfica desses programas que, no passado, se concentravam majoritariamente nas regiões sudeste e sul do Brasil.

Com o objetivo central de refletir sobre a evolução da produção filosófica no Brasil, solicitamos ao filósofo Oswaldo Giacoia Junior que nos concedesse uma entrevista exclusiva. Fomos, então, carinhosamente recebidos pelo professor no hotel onde ele se hospedava em Goiânia, na ocasião do II Colóquio Internacional Nietzsche no Cerrado.

De acordo com Giacoia, nas últimas décadas houve um notável crescimento quantitativo e qualitativo da produção filosófica no Brasil, protagonizado principalmente pela criação de novos programas de graduação e pós-graduação em filosofia e amadurecimento e consolidação dos programas já existentes. Giacoia ressaltou o fato de que essa expansão ocorreu primordialmente em regiões geográficas distintas dos centros onde, historicamente, ocorria a profissionalização da filosofia no Brasil, passando a

favorecer especialmente as regiões Nordeste e Centro-Oeste. Ele afirmou também que existe ainda a necessidade de implantação de novos programas de pós-graduação em filosofia na região Norte do país. Todavia, outro desafio que deve ser enfrentado, na ótica do professor, é a necessidade premente da promoção de uma maior mobilidade e interlocução dos filósofos brasileiros, no território nacional e no exterior.

Confira a seguir a transcrição da entrevista com o professor Giacoia.

Recentemente, mais precisamente no segundo semestre de 2010, visando “ampliar a interlocução da filosofia com a sociedade, a ciência, a cultura e a arte”, a ANPOF lançou em sua coluna de debates entre filosofia e contemporaneidade uma provocação que tem mobilizado diversos pensadores brasileiros, no sentido de promover um debate sobre o amadurecimento da nossa comunidade filosófica e questionar as suas formas de fazer filosofia. Em um dos ensaios publicados nessa coluna, o professor doutor José Crisóstomo de Souza (UFBA) questiona e responde: “Fazemos mesmo filosofia? Ou: o que é que fazemos como filosofia?” Como o Senhor se posiciona frente a essa discussão?

Já se discutiu muito sobre o modelo de filosofia que se pratica no Brasil. Durante muito tempo se considerou apenas o fato de que filosofia profissional tal como feita no Brasil é completamente tributária do modelo uspiano de filosofia.

Inspirado no modelo francês?

Sim. Eu acompanho essa discussão há muito tempo. Desde o meu tempo de graduação em filosofia, como estudante, que essa questão está em aberto. Eu tenho a impressão que isso criou um ressentimento muito forte, ressentimento de base, que com muita dificuldade tem sido elaborado e possivelmente possa ser superado. É como se houvesse uma espécie de hostilidade generalizada contra certo tipo de imperialismo da USP, definindo o que seja filosofia profissional e desqualificando as outras formas de se fazer filosofia que seriam diferentes ou mesmo concorrentes. Bom, evidentemente, o Departamento de Filosofia da USP tem um perfil e esse perfil é óbvio dependente da história desse Departamento. Tenho a impressão que uma das reflexões mais notáveis que se fez sobre o Departamento de Filosofia e sobre a filosofia no Brasil é justamente o livro de um de dos professores da USP, Paulo Eduardo Arantes, intitulado *O Departamento Francês de Ultramar*. Creio que ali nós temos muitos elementos para uma reflexão extraordinária. Mas acho que hoje também nós amadurecemos, nós evoluímos. A realidade da pós-graduação e da produção filosófica brasileira se modificou consideravelmente, de maneira que nós temos hoje condições de voltar a pensar sobre isso, um pouco afastados, um pouco emancipados dessas formas mais ressentidas, reativas e negativas de pensar, superando certas hostilidades, certas rivalidades.

A começar, por exemplo, pelo fato de que, o fato óbvio, de que, na verdade, nunca houve *um* modelo uspiano de filosofia, dentro do Departamento de Filosofia – só dentro do Departamento de Filosofia da USP há vários modelos de como se compreende, como se faz filosofia. Então o próprio rótulo que está na origem deste preconceito e deste ressentimento, é ele mesmo falso, porque não há único modelo, há vários modelos. Nós estamos hoje, de fato, suficientemente amadurecidos para pensar em nossas experiências e para dialogar a partir delas, sem que o fato da diferença signifique a desqualificação de um, ou de outro. Então, a própria pergunta do professor Crisóstomo – que, aliás, é uma pessoa de quem eu gosto muito, é um grande amigo, – ela também já traz embutida nela uma espécie de armadilha. Se nós fazemos filosofia, bom, significa dizer que nós temos um conceito de filosofia, um modelo de filosofia, uma definição de filosofia em mente que poderia nos dizer se fazemos isso ou não no Brasil, ou o que é que nós fazemos no Brasil *no lugar disso*. Talvez fosse o caso de a gente realmente se perguntar, colocar a própria pergunta do Crisóstomo de novo como objeto de reflexão, como objeto de debate.

Eu queria só complementar uma coisa que eu deixei de lado e não deveria tê-lo feito. Durante muito tempo também se enfatizou o fato de que (o enunciado da pergunta do Crisóstomo me chama atenção para isso) não se fazia propriamente filosofia, nunca se fez propriamente filosofia aqui, porque o que se fez aqui foi simplesmente o estudo erudito de textos, que não se fazia questionamentos de natureza filosófica...

Ou seja, um filosofar mais autoral, nas palavras do professor Julio Cabrera...

Isso! O Cabrera é um representante deste tipo de questão. A discussão com o Cabrera foi uma discussão longa, durante muito tempo. Eu tenho um enorme respeito pelo Cabrera. Não só o Cabrera, mas há outros...

Sim, o Professor Gonzalo Palácios, daqui da UFG...

Isso, sem dúvida, ele também, que é um dos antigos professores aqui. Eu lhe digo que o debate entre nós ficou travado, embotado e prejudicado por certa hostilidade de fundo que impedia que nós definitivamente dialogássemos. Era como se fosse um time daqui e um time de lá. Como se, antes que um diálogo fosse possível, se tomasse uma posição de hostilidade em surdina que desqualificasse os interlocutores como se sua atividade não fosse filosofia, como se fosse uma filosofia de segundo grau, degradada, antes que algum tipo de efetiva conversa pudesse resultar do encontro entre essas posições. Isso prejudicou muito, e acho que a gente caminha a passos decididos para mudar as regras desse debate.

Se o senhor nos permite fazer uma analogia com a música popular brasileira, percebemos um “campo”, no qual compositores e intérpretes convivem

em relativa harmonia. Seria possível conceber algo assim para a filosofia no Brasil, isto é, que exista um campo fértil para o florescimento tanto do trabalho de intérpretes e comentadores, quanto do filosofar autoral?

A minha resposta talvez expresse antes do que uma constatação, um desejo e, portanto, ela é enfaticamente positiva, afirmativa. Isso é possível, desejável e necessário. Correndo o risco de ser uma espécie de otimista inveterado, eu diria, que isso já começa a acontecer. Porque nós temos, hoje, espaços suficientemente consolidados de produção filosófica baseada em concepções distintas de filosofia e que se não se identificam, no sentido de que se uma reconhece a pretensão generalizante da outra, que se reduza a outra. Pelo menos, existe uma consciência de que aquilo é algo que é feito com seriedade, é algo que feito com qualidade e, por isso mesmo, é respeitável na sua especificidade. Então, eu tenho a impressão de que hoje, por exemplo, se faz um tipo de trabalho filosófico que, no passado, era visto com preconceito, como sendo não filosófico, como sendo, por exemplo, um trabalho diletante, mas que hoje dá provas da sua densidade e dá provas quando se exhibe seus tipos de créditos, em termos de filosofia. Já existe hoje um terreno bastante bem preparado para que esse diálogo aconteça. Eu posso dar alguns exemplos. Veja o campo da ética, se tem hoje diferentes escolas, diferentes posturas, tanto teóricas e metodológicas que, embora muitas vezes não dialoguem tanto entre si quanto seria desejável, se reconhecem como posições igualmente defensáveis ou igualmente consistentes, no campo da ética, seja ela teórica ou aplicada. Mas vou levar também para o campo da lógica... e vale também para outros campos: história da filosofia, estética, etc. Não existe mais aquela posição tomada *a priori* de que “o que nós fazemos é bom e o que eles fazem não é bom”. Tudo passa hoje por outros padrões de medida. Presta-se atenção hoje no tipo da produção que é feita, na qualidade dessa produção, no reconhecimento que essa produção tem, na sua penetração na comunidade filosófica brasileira e internacional.

Acreditamos ser razoável afirmar que grande parte da produção filosófica no Brasil é desenvolvida a partir da fórmula “o conceito X no autor Y”. De acordo com Julio Cabrera, em seu artigo *Filosofar desde Brasil: além de uma mera questão “nacional”*, publicado pela coluna ANPOF (2016), “a ideia de que um conhecimento sólido da filosofia europeia é condição necessária (e, para muitos, suficiente) para um filosofar autoral (...) está incutida na mente dos membros da comunidade filosófica brasileira”. Como, em sua ótica, as faculdades brasileiras de filosofia no Brasil devem contribuir para formação de pensadores autônomos? Em vista desse objetivo, seria necessário e, até mesmo, desejável rever a sua estrutura curricular e suas expectativas em relação à produção de corpo discente?

Olha, um encaminhamento possível para responder essa questão pode ser feito à luz das considerações que eu fiz anteriormente. Supondo que seja verdadeiro – e eu acho que é – que nós amadurecemos, caminhamos e temos hoje um horizonte mais desanuviado para colocar as questões que interessam, do ponto de vista do que nós temos e do ponto de vista da meta para onde desejamos caminhar. A remissão, a referência à história da filosofia é hoje vista como absolutamente indispensável para formação do pensador autoral e do filósofo, mesmo por parte daqueles seguimentos que, até um tempo atrás, consideravam a remissão à história da filosofia dispensável para formação do pensador autoral. Por exemplo, hoje não tem mais sentido essa polêmica, outrora tão acirrada, entre hermenêuticos e analíticos. O Brasil é um lugar excepcional para a gente verificar que é possível que hermeneutas e analíticos conversem... E conversem bem, porque me parece que a melhor filosofia analítica que é feita hoje no Brasil, de maneira nenhuma, sob nenhuma hipótese prescinde de uma referência essencial à tradição da filosofia. Nenhum historiador da filosofia hoje no Brasil deixa de reconhecer os méritos inegáveis da filosofia analítica, tal como ela se faz nos melhores centros, nos quais ela é a produção filosófica dominante, senão hegemônica. A propósito, o preconceito é tão forte, e como todo preconceito é lastreado fartamente em ignorância, que se fala em filosofia analítica como se existisse isso. Isso não existe! Existe um modelo de filosofia analítica que se faz em Oxford, outro que se faz em outro centro onde se faz filosofia analítica, então...

Da mesma forma, seria questionável afirmar que exista uma filosofia nacional? Pois, parece não existir uma “filosofia francesa”, uma “filosofia inglesa”, uma “filosofia americana” ou, em nosso caso, uma “filosofia brasileira”.

É claro! Eu vejo hoje, por exemplo, filosofia no Brasil... Que na minha época era um verdadeiro palavrão... Quando se falava em filosofia no Brasil, pelo amor de Deus, o quê que é isso? Um dos nossos colegas mais respeitáveis, no campo da filosofia hoje, que é o professor Paulo Maraucci, da Universidade Federal de Minas Gerais, tem um projeto de história da filosofia no Brasil – que já estão sendo publicados seus volumes – que é notavelmente bem recebido. Veja, a posição do Maraucci sobre essa pergunta que você me faz não é a mesma do Julio Cabrera, mas é uma posição que de modo algum deixa de fora a questão da formação do filósofo no Brasil.

Na sua ótica, isso incluiria a capacidade dos estudantes trabalharem com temas genuinamente brasileiros? Como por exemplo, nós podemos claramente falar sobre a violência contra a mulher, a ecologia, o sistema prisional, todos sobre um ponto de vista universal. Mas existe uma especificidade ao olhar do problema desde o Brasil, ou desde a América Latina?

Com certeza absoluta. E esse tipo de coisa é o que nós podemos fazer, temos condição de fazer e, em certa medida, já deveríamos ter feito, porque existem elementos que nos habilitam para isso. Eu fico pensando em alguns exemplos que me parecem evidentes: por qual razão nós não nos despertamos ainda, salvo algumas raras exceções que existem, mas, são poucas ainda, nós não nos despertamos para as potencialidades que existem em relação àquilo que esse modo brasileiro de ser e de pensar já nos descortinou, no caso, por exemplo, da literatura. Por que não aproveitar e estender para a filosofia esse modo de ser brasileiro que nós temos no campo da literatura, sendo que eles, os próprios literatos, os próprios escritores já fizeram um movimento nesse sentido, por exemplo, Oswaldo de Andrade, Mário de Andrade, Monteiro Lobato e de vários outros. Estou me referindo aqui ao pessoal da “Semana de 22”, mas não é necessário que sejam só eles, há vários outros. Isso é um ponto. Mas, não é preciso ficar no plano da estética. Existe a possibilidade de fazer isso no plano da sociologia, no plano da economia, no plano...

Das ciências em geral?

Sim, das ciências. Existe uma coisa que a gente raramente comenta, mas existe aqui uma produção no campo da lógica que há muito tempo tem um farto reconhecimento internacional e que nós, aqui no Brasil, conhecemos pouco, muitas vezes. Existe a mesma coisa aqui, por exemplo, no campo dos estudos sobre a sociedade. Há muito que se exige a colaboração da filosofia que tem claudicado neste terreno, no caso da economia também. A mim me fala muito de perto ao coração esse tipo de trabalho que se pode desenvolver como a antropologia. A nossa história é muito fértil nisso, não só porque a missão francesa trouxe para cá o Lévi-Strauss justo no momento de implantação do curso de filosofia da USP, mas hoje nós temos antropólogos brasileiros que se apropriaram da cultura filosófica internacional, não apenas cultura filosófica de um ou de outro país, da cultura filosófica universal, para pensar problemas da América do Sul, por exemplo. Pense, por exemplo, nos trabalhos do Viveiros de Castro, que são trabalhos, sem dúvida, de antropologia, mas são trabalhos aprofundados em filósofos. Enquanto nós ainda não arriscamos um pouco caminhar nessa direção, fazendo, por exemplo, coisas que alguns filósofos dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Alemanha ou da França fizeram aí nessa direção. Mas acredito que estamos dando renomados passos para isso.

Em Goiás, temos uma experiência bastante interessante que é o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos da UFG, o qual articula diferentes áreas do conhecimento, tais como o Direito, a Filosofia, Odontologia e a Educação Física, resultando em um programa sólido em direitos humanos.

Então, essa é, por exemplo, outra frente que eu iria me referir.

E era essa, justamente, a nossa próxima questão, ou seja, acerca de como levar à frente essa interlocução da filosofia com a arte, com as ciências e com a sociedade em geral.

Essa é uma das dimensões originárias da filosofia. É claro que a filosofia tem os seus temas, as suas questões... Mas a filosofia nasceu num diálogo com os outros âmbitos do saber, com as técnicas e com a arte também. Então, não devemos esquecer que a filosofia nasceu na praça do mercado, não nasceu numa torre de marfim; nasce na praça pública, nasce discutindo as questões da cidade. A filosofia é filha da cidade, ela é urbana, por descendência. Então ela está essencialmente ligada, desde a sua origem, a isso. Apesar do fato de que ela se dedica a questões sobre o ser, sobre a essência, etc., não podemos esquecer-nos de sua origem e de sua vocação essencial, que é de trabalhar com as questões fundamentais do sentido, e essas questões fundamentais do sentido se espriam por todos esses setores que você falou. Então, por que não uma reflexão filosófica, de caráter filosófico, sobre problemas que são fundamentais hoje, que atormentam a sociedade brasileira, como atormentam a sociedade internacional? Por exemplo, essa questão dos direitos humanos, é uma questão essencial. Eu me lembro de que numa das feiras internacionais de literatura de Parati, já faz três anos, se não me engano, aquela feira de literatura... Vou te dar esse exemplo, um exemplo paradigmático:

Tinham acontecido aqueles movimentos de junho, que não se sabia muito bem o que era aquilo, que era uma movimentação totalmente... Naquele momento, que estavam acontecendo, ainda não identificados, não codificados, não se sabia muito bem... Via-se com toda clareza que aquilo era uma recusa radical, intransigente, dos modelos vigentes de representação, sobretudo partidários; mas não se sabia muito bem o que era aquilo... Não se sabe muito bem até hoje o que foi aquilo, o que aconteceu naquele momento. Pois bem, aquilo era uma feira de literatura, mas, além de tudo aquilo que estava acontecendo nas diferentes apresentações de literatura, das diferentes oficinas ali, havia uma preocupação, assim, digo até mais do que uma preocupação, uma ansiedade mesmo, de chamar os filósofos pra integrar mesas de reflexão sobre aquilo que estava acontecendo.

Ou seja, um pensar circunstanciado.

Isso, ligado a uma urgência, que era tentar alcançar um pouco o sentido daquilo que estava acontecendo na realidade.

É como se a sociedade dissesse: “não podemos abrir mão do pensamento”.

Isso, isso... É como se houvesse realmente uma demanda efetiva: O que está acontecendo? O que estamos fazendo aqui? O que está acontecendo conosco? E o olhar filosófico foi requisitado justamente pra ajudar, não pra dizer a verdade última sobre isso, mas para ajudar a pensar, ajudar a refletir. Lembro que o Otávio Augusto, nosso colega, pulava de baixo para cima, de cima para baixo, para o lado, para participar de uma mesa aqui, de outra lá... Mas ele não era o único não, vários outros também foram requisitados no mesmo sentido. E naquele momento a gente vê bastante altura da tarefa que tínhamos que responder. Então, há exemplos muito claros no Brasil hoje, de que a reflexão filosófica, o trabalho filosófico, mesmo o trabalho filosófico universitário, já exerce esse papel, de não se fechar única e exclusivamente na leitura, na interpretação dos textos, mas também acolher as demandas da sociedade e refletir sobre ela.

Existe uma possível crítica que se faz ao debate, tal como foi posto pela ANPOF, no sentido de que ele não deixaria de ser um debate teórico, ou seja, uma metafilosofia; no caso, uma metafilosofia da filosofia no Brasil, tomando a filosofia no Brasil como um objeto a ser investigado. Mas, ainda se pode perguntar sobre a prática, ou de como conciliar essa teoria, esse debate teórico com uma ação mais eficaz que atenda essa urgência.

Nós temos vários casos em que esse tipo de lacuna está sendo preenchida. É claro que a gente não vai fazer isso em um passe de mágica, de uma hora pra outra, ou tentar achar que pode resolver esse problema com base em uma mudança curricular. É claro que uma reflexão sobre a grade curricular, uma reflexão sobre a formação do filósofo, nas condições da universidade brasileira, ajudam muito, e esse é um campo fértil de atuação. Por exemplo, pensar como é que nós ensinamos filosofia nas universidades, como é que nós ensinamos filosofia no ensino médio, quais são os materiais que nós usamos, que tipo de profissional nós podemos formar...

O que cobramos dos nossos alunos...

Isso, isso... Essa é uma discussão que cabe a nós fazer; isso é bastante concreto em termos de atividade da filosofia. Isso deveria ser uma questão a ser, por exemplo, tratada, no caso, nas instâncias competentes: na ANPOF e em várias outras instâncias de representação. Há muito, também, há um sonho utópico de que a ANPOF pudesse servir de elemento indutor, na formação de algo parecido no campo da graduação, e até hoje isso não aconteceu. O professor Edmilson Paschoal participou, mas não só ele... Ele liderou um grupo de pessoas do nosso *métier*, do nosso meio, que fez um trabalho importantíssimo sobre diretrizes curriculares para o ensino de filosofia... Uma reflexão que avança mesmo na definição do tipo de pessoal que se forma em filosofia no Brasil e com que meios se pode fazer isso. Isso é muito importante.

Além da parte de revisão curricular, da estrutura dos currículos, não existe ainda um espaço a ser conquistado no terreno das publicações de produção filosófica autoral no Brasil? Ou seja, os periódicos de filosofia estariam preparados para abrir esse espaço?

Olha, eu creio que sim. Nós temos hoje uma diversidade editorial, no Brasil, extremamente estabelecida. Nós temos hoje revistas que são bastante especializadas e que podem acolher a diversidade da produção filosófica no Brasil. Evidentemente, nem todas chegaram ao mesmo grau de amadurecimento e consolidação, mas que nós temos hoje um leque muito mais aberto, muito mais amplo, do que há dez anos, não há dúvida. Inclusive no que diz respeito, por exemplo, à produção ensaística. Hoje, há espaço para isso nas revistas filosóficas, o que não era de maneira nenhuma algo que ocorria há um tempo.

Professor Giacoia, em nome da Equipe Editorial da Revista Inquietude, nós gostaríamos de agradecer imensamente por sua disponibilidade e gentileza em nos conceder esta entrevista. Temos certeza de que as suas reflexões sobre os temas tratados aqui irão ampliar e aprofundar este importante debate.

Eu também agradeço à Inquietude pela oportunidade e parabêniso a Revista pelo bom trabalho.